



UNICAMP



COMPREENDENDO CRIANÇAS INSTITUCIONALIZADAS VÍTIMAS DE VIOLÊNCIA ATRAVÉS DE SESSÕES DE DESENHOS



Elisa Maria Dias, Discente do Curso de Graduação em Enfermagem

elisamdias@gmail.com

Orientadora: Prof^a Dr^a Luciana de Lione Melo - lulione@fcm.unicamp.br

Palavras Chaves: Criança Institucionalizada - Violência Desenho

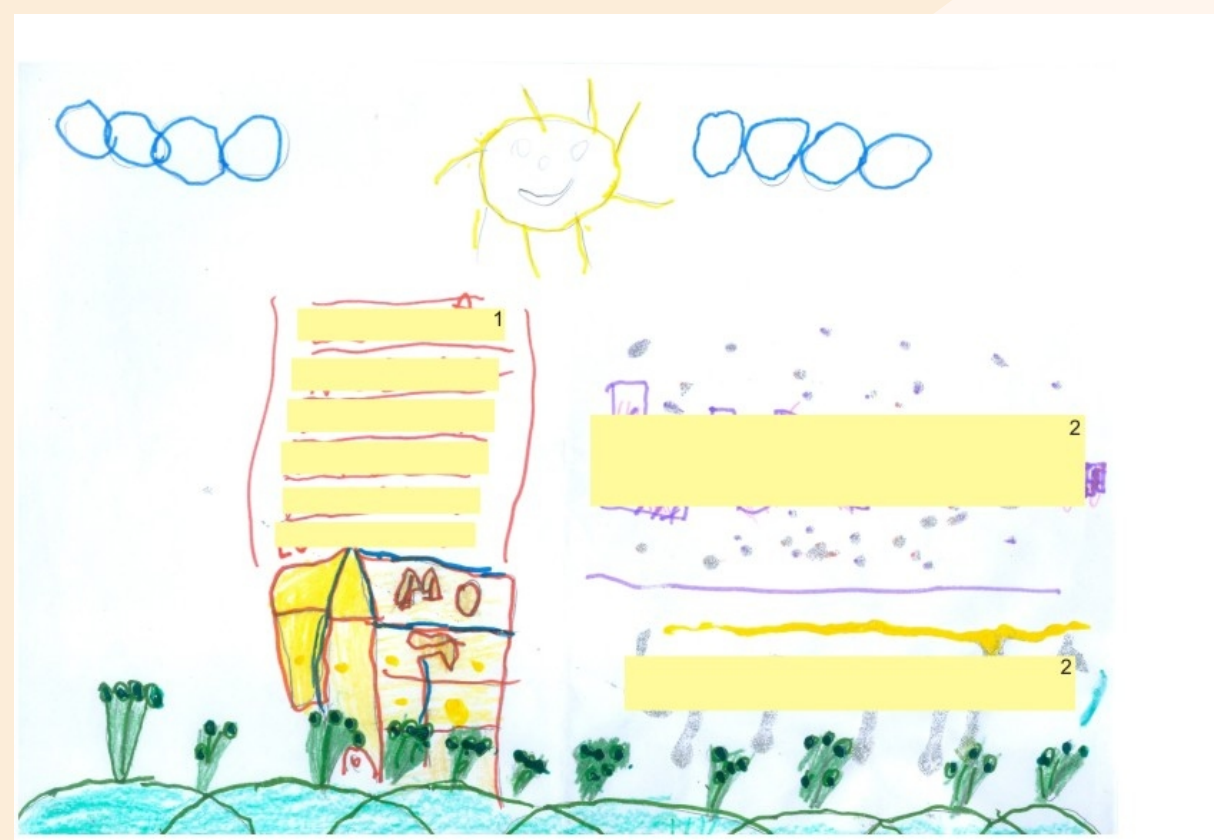
Departamento de Enfermagem, Faculdade de Ciências Médicas, Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP, CEP 13083-887, Campinas, SP, Brasil.

INTRODUÇÃO

Violência é todo ato ou omissão praticado por pais, parentes ou responsáveis contra crianças e/ou adolescentes que sendo capaz de causar dano físico, sexual e/ou psicológico à vítima implica de um lado, numa transgressão do poder/dever de proteção do adulto e, de outro, numa coisificação da infância, isto é, numa negação do direito que crianças e adolescentes têm de ser tratados como sujeitos e pessoas em condição peculiar de desenvolvimento (Azevedo; Guerra, 1995).

A violência representa a quarta causa de mortalidade entre a faixa etária de 0 a 9 anos (BRASIL, 2008). Os reflexos da violência na vida da criança são passíveis de serem observados durante suas brincadeiras, onde elas podem experienciar significados que já ocorreram de alguma forma no seu cotidiano, como também construir algum significado que para ela é importante naquele momento de interação social.

Assim como a brincadeira, o desenho também é uma das formas encontradas pelo homem para se expressar. Portanto, a pesquisa tem como objetivo compreender crianças escolares institucionalizadas e vítimas de violência por meio de sessões de desenhos, uma vez que o desenho infantil é um dos aspectos mais importantes para o desenvolvimento integral do indivíduo e constitui-se num elemento mediador de conhecimento e autoconhecimento.



Legenda: 1- A autora escreve o nome de algumas crianças da instituição; 2- Nome da autora.

METODOLOGIA

A pesquisa aponta para uma modalidade de estudo qualitativo - análise da estrutura do fenômeno situado, que se fundamenta na Fenomenologia enquanto escola filosófica e é também chamado de análise fenomenológica, utilizando como referencial teórico as orientações de GIORGI (1985) e de MARTINS & BICUDO (2004).

A pesquisa foi desenvolvida no Centro Municipal de Proteção à Criança e ao Adolescente - CMPCA, no município de Campinas, SP. Contou com uma população de 18 crianças de ambos os sexos, em idade escolar, institucionalizadas e vítimas de violência que se apresentaram dispostas a participar das sessões de desenhos.

As sessões foram realizadas no próprio quarto onde as crianças dormem e tiveram duração de 45 a 60 minutos e o número de participantes alternou entre uma a quatro crianças/sessão.

As sessões de desenhos foram acompanhadas pela pesquisadora de modo não-diretivo, proporcionando as crianças a liberdade de escolha em relação aos materiais artísticos e temas, deixando-as conduzir seus próprios desenhos.

Após as sessões de desenhos, as crianças foram convidadas a discursarem sobre os significados de seus desenhos. Estes discursos foram gravados em fitas cassete e, posteriormente, transcritos. As crianças ficaram livres também caso optassem por redigir sua explicação no verso do desenho. Além disso, também foram anotados em diário de campo seus comportamentos e o contexto das sessões.

Após atingir a saturação dos discursos, ou seja, momento em que as explicações dos desenhos tornaram-se repetitivas, e de posse dos registros das sessões de desenhos, estes foram analisados qualitativamente conforme as orientações de Giorgi (1985) e Martins e Bicudo (2004) que recomendam os seguintes passos: leitura global dos discursos, de forma a apreender sua configuração global; releitura, atenta, de modo a identificar as afirmações significativas dos sujeitos (unidades de significados); diante dessas unidades de significados, buscar suas convergências (elementos que sejam comuns a várias crianças) e suas divergências (elementos que são peculiares a apenas uma criança ou a poucas); a partir das convergências/divergências construir categorias temáticas; proceder a uma síntese descritiva, integrando as afirmações significativas em que se constituem as categorias que expressam os significados atribuídos pelas crianças.

Em seguida, foi realizada uma leitura atenta de todo o material e selecionado o discurso de três crianças que participaram de um maior número de sessões e que, conseqüentemente, desenvolveram um maior vínculo com a pesquisadora, possibilitando dessa forma uma análise mais detalhada e enriquecedora da atividade desenvolvida.

Os discursos infantis foram organizados em duas categorias: a criança vítima de violência inserida na dinâmica familiar e a criança vítima de violência vivenciando o abrigo. Para a discussão das categorias, utilizamos a teoria do vínculo afetivo de John Bowlby. Vale ressaltar que esta teoria é ampla e complexa. Assim, utilizamos, ainda que de forma breve, alguns capítulos de sua obra, a saber: 1) Capítulo 4 - Efeitos sobre o comportamento do rompimento de um vínculo afetivo; capítulo 5 - Separação e perda na família; capítulo 7 - Formação e rompimento de vínculos afetivos da Obra **Formação e rompimento dos laços afetivos** (2001); 2) Capítulo - 11 O vínculo da criança com a mãe comportamento de apego da Obra **Apego - a natureza do vínculo** (2002)

A criança vítima de violência inserida na dinâmica familiar

Por meio dos desenhos e dos discursos das crianças, foi possível observar, um significado positivo de família, principalmente em relação à mãe, ainda que em alguns casos esta seja responsável pela violência causada à criança.

Em um dos desenhos, Hortência¹ escreve a seguinte frase:

Meu sonho é voltar com a minha mãe mas o que não está dando para voltar com a minha mãe verdadeira, ela está bebendo e se ela continua a beber eu não vou mais voltar pra ela.



Legenda: 1- Nome da autora.

Ela demonstra ter consciência da situação e a condição pela qual está no abrigo, entretanto verbaliza o desejo em voltar para casa.

O discurso acima mostra uma possibilidade, a de que a institucionalização, de alguma forma, preserve uma imagem positiva dos pais. Entretanto, essa situação pode gerar diversas expectativas das crianças em relação aos pais que, algumas vezes, podem não se concretizar, o que dificulta o enfrentamento da realidade (MARTINS, 2005).

Durante algumas sessões, Margarida retratou a casa onde mora com sua família:

P#: O que você desenhou?

C##: Uma casa

P: Quem mora nessa casa?

C: Eu, minha mãe e meu pai. (Sessão 1)

P: Você mora sozinha?

C: Moro com minha mãe, meu pai, meu tio e minha avó, com meus irmãos. (Sessão 2)

P: O que você fez nesse desenho?

C: São duas cabanas, uma em cima da outra e aqui são meu pai, minha mãe, eu e minha irmã. (Sessão 3)

Em outro momento Hortência deixa transparecer o quanto a ausência materna permeia os momentos no abrigo:

P: O que você fez no seu desenho?

C: Eu escrevi meu nome, fiz esses corações aqui que eu sempre desenho quando separo da minha mãe, e aqui é Hortência mais L., Hortência mais F. que são minhas duas mães.



Legenda: 1- Nome da autora; 2- Iniciais da autora e de suas mães.

Mesmo sendo vítimas de violência intrafamiliar, as crianças não se referiam à sua família de forma negativa. A família, ainda continua, sem dúvida, sendo espaço indispensável para a garantia da sobrevivência integral dos filhos e demais membros, independentemente do rearranjo familiar ou da forma como vem se estruturando.

A criança vítima de violência vivenciando o abrigo

Nos discursos apresentados, as crianças demonstraram uma visão positiva do abrigo e uma relação harmônica entre elas, uma vez que todas estão em situação de institucionalização e convivendo com outros grupos que não o grupo familiar, assim as crianças passam a (re)significar seus mundos. Após a separação da família, estas crianças tentam encontrar outras figuras de apego, como uma forma de sobrevivência diante da nova situação.

A constituição de uma rede de apoio social e afetiva dentro da comunidade do abrigo é fundamental para a adaptação e desenvolvimento da criança tornando o período de institucionalização menos traumático. É através dos amigos encontrados no abrigo que a criança busca seu apoio. É possível observar, nos discursos, esta relação de apego e consideração entre as crianças.

C: *Aqui eu fiz uma nuvem de roxo, fiz a água pra cair na casinha pra chover. Meu nome, eu fiz...fiz tia E, e fiz um monte de nome que mora na casa. (nomes das demais crianças do abrigo)*



Legenda: 1- Nome da autora; 2- A autora escreve nomes de pessoas da instituição.

P: O que você fez no seu desenho?

C1: Eu escrevi o nome das meninas.

P: Quais meninas?

C1: Das minhas amigas. É... eu, a Hortência, a V., a A., e a D. e a tia E. né.

C2: *Aqui desse lado, eu fiz o sol, isso aqui são uns risquinhos que a Margarida mandou. E aqui eu escrevi o nome das minhas amigas, L., D., A. ... V., V., L..*

Devido à separação da família e à necessidade que as crianças têm de sentirem-se rodeadas de pessoas em quem possam confiar, as crianças institucionalizadas substituem as relações familiares pelas relações com os amigos.

Compreendendo a criança vítima de violência à luz da teoria do comportamento de apego (ou vínculo afetivo) de John Bowlby

Bowlby conceitua vínculo afetivo como a atração que um indivíduo sente por um outro indivíduo. Assim, a formação, manutenção e rompimento de tais vínculos podem influenciar, substancialmente, a existência das pessoas. O primeiro e mais persistente de todos os vínculos é geralmente entre a mãe e seu

filho pequeno, um vínculo que frequentemente perdura até a idade adulta.

Bowlby afirma, após décadas de estudos, que interrupções prolongadas ou repetidas do vínculo entre a mãe e o filho pequeno, durante os primeiros cinco anos de vida, são especialmente frequentes em pacientes diagnosticados, mais tarde, como personalidades psicopáticas ou sociopáticas. Considera que tais distúrbios possam ocorrer como um reflexo da incapacidade para estabelecer vínculos afetivos, em virtude de uma falha no desenvolvimento na infância ou de um transtorno subsequente.

Assim, diante da história de vida das crianças vítimas de violência participantes desta pesquisa, não podemos considerar o afastamento familiar e o abrigo, ainda que seja por curto período de tempo, como algo simples, de pouca ou nenhuma repercussão para o vir-a-ser destas crianças.

É essencial que a criança, em situação de abrigo, possa ligar-se a uma figura que substitua à materna. Durante este período, a criança permanecerá na expectativa da volta ao lar e à família. Embora este seja um comportamento desejado, as crianças não demonstraram terem substituído, ainda que provisoriamente, a figura materna por algum cuidador. Poucas vezes emergiu nos desenhos a figura dos cuidadores da instituição e, nunca como figura materna. Podemos afirmar, apoiando-nos nos desenhos e discursos, que as crianças em questão não estabeleceram o comportamento de ligação que Bowlby conceitua como qualquer forma de comportamento que resulta em que uma pessoa alcance ou mantenha a proximidade com algum outro indivíduo diferenciado e preferido, o qual é usualmente mais forte e/ou sábio. A este indivíduo chamamos figura de ligação.

Diante disso, é preciso ponderar a possibilidade do aparecimento de comportamentos como ansiedade, raiva, desligamento emocional que, para Bowlby estão relacionados a separação e perdas involuntárias e que podem interferir negativamente no desenvolvimento das crianças institucionalizadas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar da abertura para o fenômeno, acreditávamos que o motivo que as levou ao abrigo afioraria em seus desenhos e discursos. Contudo, as crianças extrapolaram o tema violência e expressaram desejos e expectativas sobre a família e a importância dos vínculos afetivos em seus cotidianos pré-abrigo.

Durante as sessões de desenhos, a folha em branco e o não direcionamento da atividade representaram um espaço de projeção e criação no qual elas revelaram uma realidade ideal. O foco não foi a violência vivenciada em seus lares, mas sim um comportamento de apego às figuras que deveriam ser de ligação (familiares/e da instituição), enfatizando uma outra violência, a institucionalização. Dessa forma, o abrigo mostrou como um importante componente da violência vivenciada.

É notável a construção das figuras subsidiárias presentes mais fortemente nas relações entre as crianças do que com os adultos da instituição, mas ainda assim no imaginário das crianças permanece a vontade de retorno a suas figuras de apego, pois, elas constantemente citam e fazem referência à família ou a um ideal de família e mais fortemente, a figura materna.

Sabe-se que o abrigo é tido como a última opção, dessa forma, há de se pensar nas condições e qualidade do mesmo, o que podemos fazer com esta e desta opção. Devemos ater-nos as necessidades singulares de cada um desses sujeitos, através da compreensão de que cada criança tem o direito de acolhimento pleno, ou seja, condições de afeto e de crescimento e desenvolvimento que sejam favoráveis aos vínculos significativos, que as ajudem a superarem os traumas passados e as possíveis frustrações geradas no tempo presente e futuro.

Esperamos que esta pesquisa tenha contribuído e despertado outros olhares para o tema da violência doméstica contra crianças e adolescentes e a sua conseqüente institucionalização, norteando a atuação não somente dos profissionais de saúde, mas também dos demais profissionais que lidam com a questão da violência.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Azevedo MA, Guerra VNA. A violência doméstica na infância e na adolescência. São Paulo: Robe; 1995.
Bowlby J. Formação e rompimento dos laços afetivos. São Paulo: Martins Fontes; 2001.
Bowlby J. Apego: a natureza do vínculo. São Paulo: Martins Fontes; 2002.
Brasil. Ministério da Saúde. Impacto da violência na saúde das crianças e adolescentes. Brasília; 2008
Giorgi A. Phenomenology and psychological research. Pittsburgh: Duquesne University Press; 1985.
Martins CS. A compreensão de família sob a ótica de pais e filhos envolvidos na violência doméstica contra crianças e adolescentes. [Dissertação]. Ribeirão Preto: Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto - Universidade de São Paulo; 2005.
Martins J, Bicudo MAV. Pesquisa qualitativa em psicologia: fundamentos e recursos básicos. São Paulo, Moraes; 2004.

¹ Os nomes das crianças são fictícios

² P significa pesquisadora

³ C significa criança